

# 1 Introdução

Podemos traçar vários caminhos... Não há começo nem fim... Tudo são possibilidades de vir a ser... A sensação de vazio é que nos faz mergulhar na busca... O desconhecido atrai e repele, assusta e revela. A escuridão pode nos ensinar a apreciar o brilho... É preciso e precioso, perceber a beleza e importância de cada coisa... A ousadia nos permite grandes descobertas. O vazio reaparece... Convida... Quando estiver seguro, está na hora de recomeçar... Teça novos desafios fio a fio.

Gílian Carraro

A história é um campo de possibilidades que nos instiga a buscar algo que quando pensamos que encontramos, somos levados a repensar e encontrar novos caminhos, ou seja, novas realidades e “verdades”. Como afirmam Vieira *et al* (1989, p. 43), “vendo a história como um campo de possibilidades, visualizam-se, em cada momento, diferentes propostas em jogo e se uma delas venceu, venceu não porque tinha de vencer, mas por uma série de injunções que é preciso desvendar”.

Então, qual o propósito de focar, hoje, o objeto de pesquisa que trata da criança *escorraçada* dentro da temática criança-problema, insígnia que se imprimiu no campo educacional brasileiro, na década de 30 do século passado, ou seja, há oitenta anos?

Uma das justificativas é o interesse que tenho pela prática psicopedagógica clínica que é uma das minhas áreas de atuação. A pesquisa desenvolvida no Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia foi pautada na relação família, escola e aprendizagem, mais especificamente, nas relações dessas duas importantes instituições e a criança que apresenta dificuldade de aprendizagem, em outras palavras, entendemos que a família é o primeiro grupo no qual o ser humano cria os vínculos fundamentais e tem as primeiras experiências com a aprendizagem durante um tempo até ir para a escola. Desta forma, a maneira como acontecem tais relações pode influenciar positiva ou negativamente os papéis que o indivíduo exercerá ao longo de sua história de vida. Assim, é necessário investir nessa relação inicial, a fim de contribuir para o estabelecimento de competências eficazes de atuação em outras circunstâncias, dentre as quais se destaca a escola o que, por sua vez, sendo considerada a responsável em transmitir o saber sistematizado, também exerce uma grande

influência na aprendizagem e acaba sendo o lugar de denúncia ou de reação de que algo não vai bem com o aluno, pois muitas vezes, antes de ingressar nela, a criança não apresenta dificuldades com outras aprendizagens. (Cf. Papadopoulos, 2008).

No decorrer da minha atuação profissional, continuei focando a prática psicopedagógica nesse tripé, ou seja, na família, escola e aluno com dificuldade de aprendizagem e em como essas relações acontecem impedindo ou facilitando o tratamento terapêutico da criança. Ainda no período de preparação para ingresso no Mestrado em Educação PUC-Rio, tive o privilégio de ter contato com o livro de autoria do médico Arthur Ramos, *A criança-problema: a higiene mental na escola primária*, do ano de 1939 (primeira edição)<sup>1</sup> o qual muito me interessou, porque pude constatar que já nos anos de 1930, existia a preocupação por parte de alguns intelectuais da educação brasileira em lidar com a criança que apresentava dificuldade de aprendizagem, além da atuação da família e escola nesse contexto. Outro ponto que me instigou foi o fato de a psicanálise e a higiene mental escolar, recém surgidas no cenário mundial, naquele período, serem a base de todo o trabalho desenvolvido nas escolas primárias do antigo Distrito Federal, a fim de auxiliar as atividades pedagógicas.

A contribuição desta pesquisa acadêmica está na relevância para a história da educação brasileira em buscar compreender a criança *escorraçada* sob a perspectiva de Arthur Ramos, principalmente, em um período em que era culturalmente aceitável as crianças receberem castigos físicos severos tanto na família, quanto na escola, além de serem constrangidas psicologicamente. Ramos foi uma das vozes que se levantou contra essa prática, pois a considerava prejudicial tanto para o desenvolvimento emocional da criança, como para a aprendizagem escolar. E através das pesquisas documentais ficou evidente a importância desse médico como teórico<sup>2</sup>, seja pelas publicações de suas obras, seja pelas suas ideias inovadoras como, por exemplo, a inserção da psicanálise na educação através da higiene mental escolar, sendo um instrumento de auxílio na

---

<sup>1</sup>A edição a qual estou pesquisando é a 3ª edição (s.d.), com o Prefácio à segunda edição de 1947 e a Introdução de 1939.

<sup>2</sup>Ver anexo 1 desta dissertação – notas sobre o autor Arthur Ramos. Ver também: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Arthur Ramos e as dinâmicas sociais de seu tempo (2005); SAPUCAIA, Antonio (Org.). Relembrando Arthur Ramos (2003); WEYRAUCH, Cléia Schiavo; LIMA, Guilherme Cunha; ARNT, Hérís (Orgs.). Forasteiros construtores da modernidade (2003); TEIXEIRA, Anísio *et al.* Arthur Ramos (s.d.). Estas obras trazem a trajetória intelectual e de vida de Arthur Ramos.

solução dos problemas da prática educacional, visando ter um País civilizado e preparado para o progresso.

A obra em que Ramos escreveu sobre a criança-problema, é de fôlego, contendo vinte capítulos e mais de quatrocentas páginas. Cabe destacar o fato de ele ter dedicado quatro capítulos inteiros para analisar a questão da criança *escorraçada* como criança-problema que apresentava *desajustamentos* sociais, sendo a família a principal responsável por tais comportamentos. Nesse contexto Arthur Ramos lança luzes na relação professor-aluno entendendo que através da transferência afetiva a criança passaria a obedecer ao professor e modificar seu comportamento, deixando de ser um aluno-problema. Cabe indagar: o que levou o autor a dedicar mais capítulos sobre esse assunto do que os outros? Desta forma, esta pesquisa pretende pensar sobre a criança *escorraçada*, trazida pelo autor, nos anos de 1930 e sua relação com o processo civilizador, psicanálise, higiene mental, família e escola.

Diante da questão principal, outras interrogações surgem como: qual a importância da psicanálise e da higiene mental escolar para a transformação da sociedade brasileira em sociedade civilizada? Quem é a criança *escorraçada* como criança-problema e como a higiene mental escolar através da psicanálise contribuiu no sentido de tentar modificar o comportamento *desajustado* apresentado por elas? De que forma a higiene mental escolar buscou orientar família e escola em relação à criança *escorraçada*?

Para o desenvolvimento desta pesquisa, a fim de responder as questões ora colocadas, utilizei fontes documentais como os livros sobre o assunto, os impressos de vulgarização dirigidos aos professores e famílias, todos de autoria de Arthur Ramos, além das fichas de observação comportamental de alunos das Escolas Experimentais oriundas do Serviço de Ortofrenia<sup>3</sup> e Higiene Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais, reportagens de jornais e revistas de grande circulação no País, inquéritos dirigidos às diretoras e professoras das referidas Escolas, correspondências e estudos realizados por Ramos. Cabe ressaltar que

---

<sup>3</sup> Ortofrenia vem de orto(s) + fren(o) + ia. De origem no grego, fren(o) para o caso que estamos tratando, quer dizer alma, inteligência, espírito, daí frenologia, teoria que estuda o caráter e as funções intelectuais humanas, baseando-se na conformação do crânio. A ortofrenia dizia respeito ao intelecto “normal”, à correção das perturbações intelectuais e mentais. (HORA, Dayse Martins. Racionalidade médica e conhecimento escolar: a trajetória da biologia educacional na formação de professores primários. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2000).

todo o arquivo pessoal do médico encontra-se na Biblioteca Nacional, na Seção de Manuscritos.

Antes de tratar, mesmo que brevemente, sobre a abordagem teórico-metodológica, cabe apontar as propriedades desse tipo de documento, ou em outras palavras, o conjunto documental como o arquivo pessoal de Arthur Ramos. É relevante dizer que após descobrir onde se encontrava esse acervo composto de mais de quatro mil documentos datilografados e manuscritos<sup>4</sup>, iniciou-se uma triagem, a fim de delimitar a pesquisa dentro do recorte temporal estabelecido, além da relação com o objeto estudado, tendo em vista que Ramos foi médico legista, psicanalista, professor, antropólogo, entre outros, e produziu uma grande quantidade de pesquisas, publicou várias obras, tendo sido um intelectual de abrangência nacional e internacional, tendo sua vida pública e privada retratada com frequência nos jornais de grande circulação no País e no exterior.

Em relação ao arquivo pessoal, de acordo com Heymann (2001), é importante ressaltar que este exprime “a atuação do personagem que o acumulou, apresentando registros capazes de reconstituir a sua trajetória”, bem como:

Um arquivo pessoal é constituído pela documentação acumulada por uma pessoa física no exercício de suas atividades, seja elas de natureza pública ou privada. É esta pessoa, a partir de seus critérios e interesses, que vai funcionar como eixo de sentido no processo de constituição do arquivo. Por um lado, porque a sua vida, suas atividades e relações é que vão determinar e informar o que é produzido, recebido e retido por ela e sob sua orientação. Por outro lado, é fundamentalmente, porque cabe ao titular do arquivo decidir sobre o que é guardado e de que maneira. (p.266)

Ainda segundo Heymann (2001), mesmo que tais documentos tenham sido submetidos a alguma seleção por parte de seu autor ou pelas pessoas responsáveis por organizar seu acervo, ou até depois, por parte de seus descendentes antes de serem doados a instituições de pesquisas, “os arquivos pessoais são fruto de um processo de seleção e guarda operado pelo titular no universo de documentos

---

<sup>4</sup> Cabe explicitar como o acervo do Arthur Ramos foi localizado. Inicialmente fui ao CPDOC/FGV, pois os acervos de Gustavo Capanema e Anísio Teixeira se encontram nesse local, porém não descobri nenhum documento que remetesse a Arthur Ramos. Continuei a procura e, em seguida, realizei uma pesquisa na internet (em um site de busca) e achei uma pesquisa intitulada “*Do meu arquivo inútil*”: uma análise sobre o fundo Arthur Ramos, de Diana Dianovsky, aluna da UERJ (orientador: Valter Sinder – UERJ/PUC-RIO), que tinha como objetivo o estudo do arquivo privado de Arthur Ramos, onde a autora revelava a custódia dos referidos documentos, a saber: Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional. Desta forma, dei início à pesquisa de campo, na referida Biblioteca.

produzidos ou recebidos por ele” (p. 267). Desta forma, entendemos que o conjunto documental analisado para o desenvolvimento desta dissertação reflete a atuação e o interesse de Ramos pela temática pesquisada. Pois, mesmo sofrendo as interferências mencionadas, encontramos um considerável volume de documentos que retratam o que foi a atuação de Ramos no meio educacional, psicanalítico, higiene mental, psicologia social e como isso refletiu na sociedade à época. Importante ressaltar que é um desafio para o pesquisador, diante de um universo de possibilidades, escolher aquela que mais expressa a realidade vivenciada. Porém, desde já, é importante esclarecer que a pesquisa documental não serviu como uma fonte de verdade incontestável nesse trabalho. Até porque, Le Goff (1984) alerta para o fato de que o documento não é inócuo e, portanto o historiador não deve fazer papel de ingênuo porque qualquer documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso e os documentos “não falam senão quando se sabe interrogá-los” (Bloch 1952, apud Aróstegui, 2006, 479).

Para efeito de nossa reflexão, tomo por base a abordagem histórica desenvolvida através do entrelaçamento da análise dos citados documentos com o conteúdo bibliográfico, em uma perspectiva teórica baseada no processo de civilização de Norbert Elias e na visão de Sigmund Freud sobre as relações entre o indivíduo e o que ele denominou a “civilização” e a higiene mental como forma de tratar as neuroses em decorrência da civilização, buscando entender a concepção de Arthur Ramos sobre esses processos.

Quando falamos em civilização, este termo nos remete a pensar sobre o estudo desenvolvido por esses três autores sobre o assunto e cabe ressaltar que as obras escritas<sup>5</sup> por eles datam da mesma década. Contudo não podemos afirmar que foram interlocutores; o que sabemos é que Norbert Elias teve acesso aos estudos de Freud, pois se utilizou de alguns conceitos do psicanalista para compreender o processo civilizador. Entretanto, Freud e Ramos se correspondiam e o médico encaminhava suas obras ao psicanalista<sup>6</sup>. Resumidamente, os três autores apontam em seus estudos que o fato do homem ter reprimido suas pulsões a fim de se tornar civilizado em relação àquela cultura à qual estava inserido, teve

---

<sup>5</sup>As referidas obras são: ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes, v. 1, 1935; ELIAS, Norbert. O processo civilizador: formação do estado e civilização, v. 2, 1939; FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, 1930; RAMOS, Arthur. A saúde do espírito: higiene mental, 1939.

<sup>6</sup>Ver anexo 2 – correspondências trocadas entre o Dr. Arthur Ramos e o Dr. Sigmund Freud.

como resultado a neurose, pois tendo recalcado seus impulsos objetivando adaptar-se à sociedade, trouxe para si um conflito interno e, a luta que antes era diretamente com o outro, passou a ser com a própria mente.

Assim, para Ramos a higiene mental através da psicanálise, surgiu como instrumento para resolver toda a sorte de conflitos humanos, auxiliando o indivíduo a ter um comportamento ajustado socialmente.

A opção pelo recorte temporal (1934-1939) se deu por ter sido o período em que funcionou o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (S.O.H.M.), chefiado por Arthur Ramos a convite de Anísio Teixeira, Diretor-Geral da Instrução Pública, que passa a ser denominada de Departamento-Geral de Educação e mais adiante Secretaria de Educação do governo do município do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, onde mais de duas mil crianças-problemas matriculadas nas Escolas Experimentais foram atendidas e acompanhadas, com o objetivo de prevenir e corrigir os *desajustamentos* psíquicos apresentados por elas.

Desta forma, inicio a dissertação analisando mais detidamente o método e os caminhos escolhidos para pensar sobre o objeto de estudo desta pesquisa, ou seja, as possíveis interconexões entre o processo de civilização, a psicanálise e a higiene mental.

O segundo capítulo é dedicado ao estudo da higiene mental na infância e à importância da mudança do termo de criança *anormal* para criança-problema.

No terceiro capítulo analisamos a categoria criança *escorraçada* como criança-problema e sua relação com a psicanálise, e na sequência analisamos os efeitos do *escorraçamento* na criança que o sofria.

O contexto histórico em que o S.O.H.M. foi criado e o seu funcionamento como modelador da família e escola através do uso da psicanálise, a fim de se ter uma nação civilizada, é o estudo do quarto capítulo. Ainda envolvendo a atuação do S.O.H.M., esmiuçamos a forma como as famílias eram orientadas no sentido de educar a criança de acordo com a higiene mental, bem como pensar sobre as práticas pedagógicas utilizadas nas Escolas Experimentais para lidar com a criança *escorraçada*/problema, através das intervenções do referido Serviço.